



## **A Pauta em Mutação <sup>1</sup>**

Aldo Antonio SCHMITZ <sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

*Os jornalistas deverão mudar. E seu modo de pensar, fragmentado, deverá tornar-se holístico.*  
Fritjof Capra

### **Resumo**

Este artigo propõe o debate em torno do pensamento sistêmico e uma abordagem holística na elaboração da pauta, como forma de ruptura do jornalismo convencional, preso a uma visão cartesiana e mecanicista. Esta concepção parte das ideias de Fritjof Capra, notadamente as inseridas na sua obra *O Ponto de Mutação*, onde o autor mostra que as forças de transformação do mundo passam por um movimento positivo de mudança social e cultural.

**Palavras-chave:** jornalismo; pauta; pensamento sistêmico.

### **Introdução**

O jornalismo passa por transformações e entre os seus desafios consta a mudança da abordagem fragmentada para uma visão ampla da realidade, pois os seus processos enfrentam uma crise de percepção. Um dos indicativos para esta mutação está na aplicação do modelo sistêmico, que consiste em incorporar os conceitos do pensamento sistêmico, holístico, subentendendo-se atividade e mudança contínuas.

Capra (2006) não renega o mecanicismo de Isaac Newton nem o reducionismo de René Descartes, mas condena quando estas teorias são interpretadas “como se fosse a explicação completa”. Ele admite que as abordagens cartesiana e mecanicista tiveram algum êxito nas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Jornalismo da UFSC, email: aldo@iscom.com.br



ciências exatas, embora sejam evidentes seus fracassos nas atividades sociais, culturais e econômicas. Por isso, propõe uma drástica mudança de conceitos e ideias.

Este autor propõe uma nova visão da realidade, baseada “na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos - físicos, biológicos, sociais e culturais”, explica Capra (2006, p.259), afinal o mundo está globalmente interligado. Pessoas e organizações, seguidoras destes princípios, estão desenvolvendo formas inovadoras de pensar, novas percepções do mundo e estilos de vida em harmonia com o ambiente.

A abordagem holística insere-se na teoria geral dos sistemas, que enfatiza os organismos vivos, “a forma torna-se associada ao processo, à inter-relação, à interação, e os opostos são unificados através da oscilação”, complementa Capra (2006, p.205). Estes conceitos também estão reunidos no pensamento de Edgar Morin (2007), notadamente na sistematização da teoria da complexidade.

A complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) “de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos”, que formam os fenômenos, indica Morin (2007, p.13-15), propondo a necessidade de um pensamento complexo no sentido de “selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar... e compreender que o pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutiladoras”. O autor reconhece que “estamos ainda na pré-história do espírito humano e só o pensamento complexo nos permitirá civilizar nosso conhecimento”.

Pode-se aplicar a concepção sistêmica ao jornalismo, pois está em consonância com as suas modernas teorias. Trata-se, portanto, de um método, pois o “pensamento sistêmico é pensamento de processo”, classifica Capra (2006, p.315). Ele considera que a visão sistêmica “é uma base apropriada tanto para as ciências do comportamento e da vida, quanto para as ciências sociais” e, conseqüentemente, para o jornalismo.

“A sabedoria sistêmica baseia-se num profundo respeito pela sabedoria da natureza”, frisa Capra (2006, p.381), defendendo uma reforma dos veículos de comunicação de massa “para construir o nosso futuro. Isso significa que também os jornalistas deverão mudar, e



seu modo de pensar, fragmentado, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica”.

Estas concepções sustentam o jornalismo sistêmico, que está relacionado à transição cultural e ocorre na “mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade”, diz Capra (2006, p.28), indicando que essa transformação ocorre na superação da “concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência e a crença do progresso material ilimitado”.

Adelmo Genro Filho (1987) reconhece que a sociedade contemporânea está cada vez mais articulada, exigindo que “os processos sejam abordados em conjunto, como uma totalidade complexa, e não mais como uma soma de partes relativamente autônomas”. No entanto, torna-se difícil conceber a totalidade complexa, pois está relacionada “ao mundo empírico, à incerteza, à incapacidade de ter certeza de tudo, de formular uma lei, de conceber uma ordem absoluta. Por outro lado diz respeito a alguma coisa de lógico, isto é, à incapacidade de evitar contradições”, explica Morin (2007, p.68).

Além das teorias dos sistemas e da complexidade, esta questão envolve a dialética, o marxismo, a indeterminação e o holismo e suas vinculações possíveis com o jornalismo atual e o hiperjornalismo no ambiente virtual. São muitas as possibilidades de discussão e encaminhamentos. Neste artigo, por uma questão de espaço, obviamente que o tema carece de um aprofundamento nestas questões e na base conceitual de Capra e sua conjuntura com o campo jornalístico.

### **A Evolução da Pauta**

Pauta é um termo utilizado pelo jornalismo brasileiro. Em outros países prevalecem as denominações “agenda” e “agendamento”. Ela orienta os repórteres sobre o tipo de reportagem, as fontes, onde e como apurar os fatos ou acontecimentos. Atualmente é elaborada principalmente por editores, subeditores, pelos próprios repórteres e pauteiros, esta, no entanto, uma figura cada vez mais rara nas redações.



A elaboração da pauta é um processo complexo, ligado a uma das teorias do jornalismo, *agenda-setting*, prevista por Walter Lippmann em 1922 e apresentada como conceito 50 anos depois, por Maxwell McCombs e Donald Shaw, na revista acadêmica *Public Opinion Quarterly*, onde eles tentam mostrar o poder do jornalismo em pautar os temas da atualidade, informa Nelson Traquina (2005), que revela outros estudos mostrando o propósito principal da mídia noticiosa: “informar, mais que persuadir ou modificar comportamentos”.

A teoria do agendamento vem evoluindo, como demonstram inúmeras pesquisas. Harvey Moloth e Marilyn Lester, segundo Traquina (2005), apresentaram em 1974, a dinâmica e a crescente complexidade da pauta jornalística, na formação e mudança de cognições. A cognição não está relacionada à forma de “como pensar”, mas “sobre o que pensar”, conceito formulado por Bernard Cohen, citado por Traquina (2005).

A seguir apresentamos os elementos de uma pauta sistêmica, tendo como referência a reportagem especial sobre os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2007, realizada pelos repórteres Jacqueline Farid, Wilson Tosta e Felipe Werneck, do jornal *O Estado de S. Paulo* (2008), que se aproxima da concepção sistêmica, comparada às matérias reducionistas do mesmo tema, publicadas em outros veículos. Esta análise tem a pretensão de apontar as fragilidades e os acertos quanto à visão holística da realidade.

A jornalista Jacqueline Farid conta que esta pauta foi desenvolvida pela equipe de reportagem da sucursal do Rio de Janeiro, com o propósito de transpor a pauta tradicional de uma matéria rotineira: “complementar informações, referendar ou questionar os dados, inclusive comparando com pesquisas anteriores e de outros países, além de diversificar as fontes; enfim, o objetivo foi criar um diferencial”, disse-nos.

### **Fatos, Acontecimentos**

Normalmente utilizados como sinônimos, fatos e acontecimentos diferem enquanto conceitos no jornalismo. O fato é um evento, um fenômeno que ocorre no cotidiano. Já um acontecimento configura-se em algo imprevisível, inesperado e irrompe-se acidentalmente,



carregado de valor-notícia. Morin (2007) confirma que um acontecimento sucede de “tudo que é improvável, singular e acidental”. Desta forma, poucos fatos, entre os inúmeros, são aproveitados pela imprensa; embora todo acontecimento seja essencialmente uma notícia.

Na elaboração da pauta, o fato ou acontecimento indica o campo em que a reportagem será desenvolvida, abordando o histórico do assunto: o que é e o que foi. A pauta decorre, enfim, da seleção do que pode vir a ser ou não notícia. Esta indicação orienta o repórter na apuração, sendo carregada de noticiabilidade. Enfim, ela desencadeia um processo fundamental, enfatizando diferentes elementos que determinam a abordagem de uma matéria jornalística.

Capra (2006, p.400) propõe uma reestruturação na seleção de fatos e acontecimentos jornalísticos, passando invariavelmente pela pauta:

Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto dos acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura. Prova de que esse tipo maduro de jornalismo é socialmente benéfico e pode ser também um bom negócio é o número crescente de veículos alternativos de informação que promovem novos valores e estilos de vida.

Tanto os fatos como os acontecimentos são sistêmicos, enfatiza Capra (2006, p.409), isto é, “estão intimamente interligados e são interdependentes”. No entanto, atualmente a maioria das notícias é cartesiana, fragmentada. Portanto, é papel dos jornalistas “substituir a noção de estruturas sociais estáticas por uma percepção de padrões dinâmicos de mudança”. Isto leva à forma sistêmica e holística de pensar, a começar por pautas construtivistas.

A reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* (2008) ilustra este propósito, ao analisar a situação social e econômica do público pesquisado, a partir dos dados da PNAD, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apura anualmente as características familiares de acesso a bens e serviços, em todo o território nacional. O mérito da reportagem está na contextualização das informações da pesquisa, demonstrando os avanços e retrocessos, dando vida à frieza dos números.

## **Matéria**



O responsável pela pauta indica o que o repórter irá desenvolver para compor a matéria, embora não seja rígida, pois se trata de uma sugestão. Toda matéria é baseada no testemunho dos fatos e situações, normalmente de pessoas, relacionadas com o contexto social, cultural, econômico etc. Enfim, a pauta parte de uma seleção de fenômenos e enuncia os procedimentos: “os passos a seguir na coleta de dados para elaborar a notícia... Quais as perguntas? Quais os elementos são necessários recolher? Que citações?” enumera Traquina (2005, p.31). A esta propositura acrescenta-se o fator tempo, o fechamento da matéria, mesmo submetido aos imprevistos.

Na corrida contra o tempo, o processo produtivo geralmente considera apenas os dois lados da notícia, embora tenha vários interesses e visões. Os fatos e acontecimentos apresentam múltiplos níveis da realidade, que diferem em sua complexidade, reafirma Capra (2006). Em um acontecimento, por exemplo, há uma progressão de multiplicidade de abordagens e do caos. Para estabelecer a unicidade e a ordem, o autor aconselha múltiplas visões. Portanto, uma notícia não tem apenas um ou dois lados, mas vários.

O jornalismo interpreta e investiga incessantemente a verdade, expondo versões dela. Afinal, qual é a melhor forma possível de obter a verdade? A resposta está no contexto, não tão-somente nos fatos literais, mas na diversidade de opiniões. Capra (2006) reitera que não existe a “verdade absoluta”, mas versões limitadas e aproximadas dela.

Estas questões levam à elaboração de uma pauta jornalística entrelaçada com o pensamento complexo, exigindo mudanças evolutivas, pois “enquanto a transformação está ocorrendo, a cultura declinante recusa-se a mudar”, constata Capra (2006, p.409). Afinal, é cômodo manter o *status quo* que favorece, equivocadamente, a indústria da informação e do entretenimento.

Voltamos ao nosso exemplo. Ao contrário da maioria do noticiário, limitando-se aos números da PNAD, divulgados pelo IBGE, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi além. A pauta contemplou histórias de vida, exemplos ilustrativos e entrevistas com especialistas, comparações com dados de outros países, além de fotos de pessoas comuns, ilustrações, boxes explicativos, tabelas e gráficos, criando uma ampla visão referente à pesquisa.



## **Abordagem**

A abordagem trata do enfoque da matéria, que normalmente vem carregada de uma visão reducionista. Isto torna os fatos circunstanciais, em vez de integrados. O atual modelo de pauta tem levado à concepção cartesiana das notícias, de abordar as partes, esquecendo-se do todo e suas implicações. Capra (2006, p.139) denuncia, por exemplo, que a televisão mostra o organismo humano como “uma máquina propensa a constantes avarias”, isto é, enfatiza a doença e não a saúde.

O jornalismo segue uma frenética atualização, onde o fato e a notícia ocorrem praticamente em tempo real, notadamente na televisão, rádio, portais de notícias e nas redes sociais virtuais, chegando ao “cúmulo de termos jornais na internet que trazem notícias segundo a segundo”, surpreende-se Felipe Pena (2008, p.37). Isto leva a imprensa a fazer um recorte da realidade, dentro de uma percepção distorcida pela conquista da audiência imediata, sem notar que há uma demanda crescente do público por uma visão mais ampla dos fatos.

Outro enfoque mecanicista ocorre na repetição periódica das mesmas pautas. “Pegue o jornal de hoje e compare com a edição do mesmo dia do ano anterior. Houve alguma variação de assunto? Faça a mesma coisa com uma edição de dez anos atrás”, exemplifica Pena (2008, p.38), apontando que as pautas são as mesmas: “crise na economia, corrupção na política, violência nas ruas, agenda do presidente da República e do governador”.

A proposta de uma pauta sistêmica concentra-se na nova visão da realidade, que vai além das preocupações imediatas. Segundo Capra (2006, p.14) isto exige uma mudança de “pensamentos, percepções e valores” para romper com a concepção mecanicista e repetida do noticiário. Significa uma abordagem holística: novos enfoques para velhos temas, bem como pontos de vista criativos, que acrescentem algo novo à vida das pessoas e para um mundo melhor.

A divulgação da PNAD é um exemplo típico de repetição de abordagem, anualmente, sempre da mesma forma: a simples publicação dos dados da pesquisa, apoiados, eventualmente, na análise de uma fonte do IBGE. Torna-se crônico o enfoque previsível. No entanto, neste caso da reportagem de *O Estado de S. Paulo* (2008), amplia-se a visão



abrangendo todos os resultados da pesquisa, como bens e serviços nos domicílios, acesso à educação, panorama do mercado de trabalho e evolução da renda das famílias.

### **Fontes de Informação**

O responsável pela pauta também sugere as fontes de informação (nome, cargo, profissão) que podem ser entrevistadas, para que o repórter desenvolva e enriqueça a reportagem. Podem ser fontes oficiais, institucionais, independentes e populares. A pauta também indica as formas de contato (organização, endereço, telefone, celular, e-mail etc.).

“Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações”, conceitua Traquina (2005), afirmando que os jornalistas avaliam as fontes, notadamente, pela autoridade, produtividade e credibilidade. Miquel Rodrigo Alsina (2009, p.162-176) revela várias pesquisas que classificam as fontes conforme a sua relação com o objetivo de conhecimento, pela origem da informação, do nível de acesso, pela frequência do contato e negociação, pelo grau de institucionalização e sua identificação com o fato ou acontecimento.

Devido à relação rotineira, estável, institucional e de cooperação com os jornalistas, as fontes passaram a produzir notícias. Neste caso, a notícia resulta da fonte de informação, com interesse de promoção e divulgação de certos fatos e o jornalista seleciona, edita e publica o conteúdo oferecido, eventualmente na íntegra, constata Alsina (2009). Geralmente o público não sabe como foi obtida aquela informação e consome notícias produzidas pelas próprias fontes.

Na indicação da pauta devem-se ampliar o leque das fontes. Capra (2006, p.22-23) alerta que os supostos especialistas já não dominam totalmente os seus campos de conhecimento: “Os economistas são incapazes de entender a inflação; os oncologistas estão totalmente confusos, acerca das causas do câncer; os psiquiatras são mistificados pela esquizofrenia; a polícia vê-se impotente em fase da criminalidade crescente”.

Outro aspecto importante refere-se à credibilidade das fontes. Pesquisas mostram que o público não confia quanto se imagina nas fontes oficiais e institucionais. O Estudo Anual



de Confiança, realizado pela agência de comunicação Edelman (2009), mostra uma crescente credibilidade nas pessoas comuns, em “alguém como você”, como fonte de informação confiável: nos Estados Unidos subiu de 22% em 2003 para 56%, em 2009; na Europa, o salto foi de 33% para 53%; e no Brasil, o índice mais expressivo, de 46% para 67%, neste mesmo período. Enquanto, no País, o público acredita menos nas empresas (61%), acadêmicos e especialistas (59%), analistas financeiros (45%), imprensa (44%) e no governo (43%).

Pena (2008, p.62) confirma que “as fontes oficiais são sempre as mais tendenciosas. Têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica do poder”. Com o advento das novas tecnologias, notadamente os *blogs*, as fontes passaram a ser provedoras de notícias e às vezes utilizam esta mídia para confrontar a produção jornalística. Elas também contam com mídias próprias.

No caso da cobertura da PNAD 2007, em quase toda a imprensa, as matérias se restringem às fontes oficiais e institucionais, notadamente Cimar Azevedo, do IBGE e coordenador da pesquisa. Ao invés disso, *O Estado de S. Paulo* (2008) utilizou uma rede de fontes, desde economistas, sociólogos, educadores, sindicalistas, vários profissionais do IBGE envolvidos na pesquisa e principalmente pessoas comuns, uma dezena delas, para contextualizar os dados.

## **Imagens**

Além das indicações ao repórter, a pauta também orienta o cinegrafista ou fotógrafo, sobre o que captar e como. A imagem funciona como apoio para a compreensão e ilustração da matéria. Mas, precisa ser impactante e mostrar um flagrante. Enfim, a palavra ou texto e a imagem se complementam.

Para que isto ocorra, considerando o jornalismo sistêmico, a pauta deve orientar o fotógrafo ou cinegrafista para uma abordagem mais ampla, em diversos ângulos, retratando ao máximo o contexto envolvido. Afinal, a imagem apresenta-se como um holograma, onde ela se reconstitui numa estrutura vivaz. Por exemplo, uma fotografia, mesmo estática, indica um movimento.



Para Capra (2006, p.90) esta analogia com o holograma, “em que cada parte, num certo sentido, contém o todo”, faz sentido, porque “se qualquer parte de um holograma é iluminada, toda a imagem será reconstruída, embora mostre menos detalhes do que a imagem obtida do holograma completo”. O autor considera o holograma um modelo de percepção visual. Portanto, o responsável pela pauta deve estimular os fotográficos e cinegrafistas para que desenvolvam a sua visão periférica.

A reportagem sobre a PNAD 2007 do jornal *O Estado de S. Paulo* (2008) traz sete fotos, ocupando em média 25% de cada página. O destaque não está somente no tamanho, mas principalmente na abordagem, mostrando pessoas comuns em seus domicílios, retratando as suas realidades de vida, dentro do contexto da pesquisa, complementada por vinte infográficos. Já a maioria dos veículos mostra fotos “posadas” de fontes oficiais e alguns gráficos fornecidos pelo IBGE.

### **Considerações finais**

A pauta, como ponto de partida para a produção de notícias, assume uma importância vital para o jornalismo sistêmico, pois ela pode definir métodos inovadores, diversificar as fontes e abordagens, indicar novos caminhos, assumir rupturas e apontar as múltiplas variáveis, na perspectiva de uma ampla visão da realidade. Valendo-se do seu grau de autonomia, quem elabora a pauta encontra espaço para aprimorar evolutivamente as organizações jornalísticas, procedimentos, narrativas, códigos, crenças.

Os produtos, processos e fundamentos do jornalismo são dinâmicos e tendem a evoluir seguindo as mudanças culturais e sociais. “Transformações culturais dessa magnitude e profundidade não podem ser evitadas. Não devem ser detidas, mas, pelo contrário, bem recebidas, pois são a única saída para que se evitem a angústia, o colapso e mumificação”, estimula Capra (2006, p.31).

Estas concepções aplicadas à pauta podem parecer um tanto idealistas, especialmente em vista à escassez do tempo, os limitados espaços editoriais, as rotinas jornalísticas e seus processos padronizados. Mas quando confrontadas com a perspectiva evolutiva, entreve-se uma mudança, embora possam persistir pontos de vista obsoletos, “enquanto novas



minorias criativas enfrentam os novos desafios com engenho e crescente confiança”, consigna Capra (2006, p.409), ciente de que as abordagens fragmentadas levaram a humanidade ao caos e antevê ações emergentes de um mundo novo, com mudanças radicais na forma de pensar, perceber e viver.

## **Referências**

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

EDELMAN. **Estudo anual de confiança**, 2009. Disponível em: <edelman.com.br>. Acesso em 30 jun. 2009.

FARID, Jacqueline; TOSTA, Wilson; WERNECK, Felipe. Retrato do Brasil. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 set. 2008, p.h1-h6.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em: <adelmo.com.br/bibt/t196>. Acesso em: 20 jun. 2009.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, Unisinos, 2005.